

CONVERSAS DE ACADEMIA: GESTÃO ESCOLAR

A gestão de escolas da rede municipal do Rio de Janeiro passa por questões de gerência política bastante sérias, principalmente nas áreas de risco, em que, além do poder público, o gestor tem que lidar com os poderes paralelos, seja das milícias, seja do tráfico de drogas, que têm uma atuação mais forte do que o Estado. Sobre essa questão, o Almazine ouviu alguns estudiosos.

“É claro que a escola pode, por um imperativo social e ético, cumprir algumas missões sociais e assistenciais, pois a escola convive com a pobreza, a fome, os maus



Libâneo, por Deborah Trindade, 2019.

tratos, o consumo de drogas, a violência, etc. Mas isso não pode ser visto como sua tarefa e função primordiais, mesmo porque a sociedade também precisa fazer sua parte nessas missões sociais e assistenciais.”, diz o prof. José Carlos Libâneo, trazendo a discussão dos vários papéis que as escolas têm que exercer nessas áreas.

A sobrevivência e a busca do cumprimento da “missão” de ensinar levam ao uso de táticas de guerra, como nos coloca Michel de Certeau: “ainda que os métodos praticados pela arte da guerra cotidiana jamais se apresentem sob uma forma tão nítida, nem por isso é menos certo que apostas feitas no lugar ou no tempo distinguem as maneiras de agir.”

Essa “guerra” contra os contextos sociais em que imperam a violência não pode ser vencida, porém, sem que mudanças de outros ordens aconteçam, pois a violência



Michel de Certeau, André Brown, 2018.

nas escolas “é causada, muitas vezes, por imposições de uma sociedade que não sabe acolher seu jovem no mercado de trabalho, violência nas relações de poder entre professores e alunos e pela negação da identidade e da satisfação profissional aos professores”, nos diz Mirian Abramovay, que traz um elemento importante de reflexão, a valorização do trabalho do professor e, por conseguinte, do gestor escolar como fundamental para uma educação mais efetiva e com mais qualidade.



Mirian Abramovay, por Deborah Trindade, 2019.

A compreensão da academia sobre as questões da violência é importante, posto que compreender é condição essencial à intervenção.

Como nos lembra o mestre Foucault, “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”. Perceber o discurso do Estado sobre a educação, sustentado por ações políticas efetivas que sustentam o discurso, não é tarefa difícil.



Michel Foucault, André Brown, 2018.

Mas, por profunda que seja a compreensão da academia, essa compreensão, por si mesma, não é capaz de mudar a realidade, que só pode ser efetivamente modificada com ações políticas de valorização do homem e da vida, ações que tenham por fundamento a busca do bem-estar social e da igualdade entre todos pela democratização das oportunidades de acesso à educação.

RECEITA: BOLO DA SOBREVIVÊNCIA

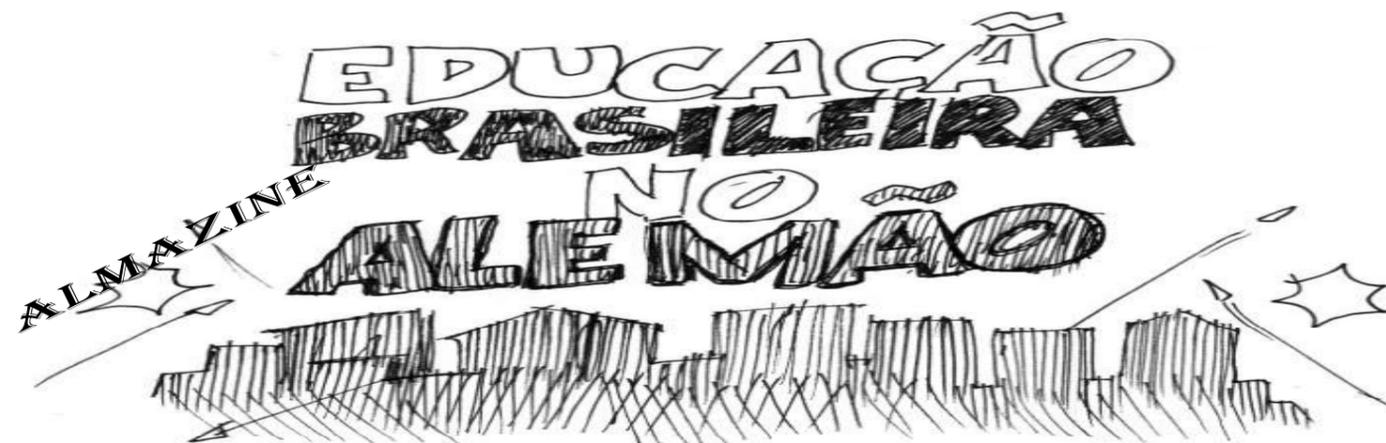
Ingredientes:

- 1kg de paciência
- 3 xícaras de calma
- 2 xícaras de persistência
- 1 colher de abstração
- 1 pitada de equilíbrio
- grande porção de rezas
- 1 dose de música
- 1kg de força
- 3 kg de atenção
- 2 kg de coragem

- 3 xícaras de inspiração
- 3 xícaras de expiração
- 1 boa pitada de comunicação
- 1 dz de abraços

Modo de preparo:

Em uma tigela bem funda, ponha a paciência e vá misturando, um a um, os demais ingredientes, deixando a reza para ir acrescentando entre cada um dos ingredientes. Bata bem até a massa ficar bem airada e coloque numa forma circular para ir ao forno. Asse em temperatura baixa durante toda a sua vida. Sirva depois de aposentado.



Almazine, André Brown, 2018.

EDITORIAL

A violência urbana tem ocupado as principais manchetes da mídia informativa nos últimos anos, em especial na cidade do Rio de Janeiro e, nela, os complexos do Alemão e da Penha são dos territórios de maior evidência.

O Almazine Educação Brasileira no Alemão é o produto de um mestrado profissional em educação e tem por finalidade debater o processo educativo, com ênfase na relação ensino-aprendizagem em espaços de violência extrema, assim como ser veículo de informações sobre a realidade social dessas áreas e, principalmente, de ações dos agentes escolares que trabalham nessas áreas no enfrentamento do conturbado processo educativo que nelas acontecem.

Essa primeira publicação tem como temática central a gestão escolar, e objetiva trazer para o debate a realidade social da comunidade escolar do entorno dos complexos do Alemão e da Penha e como quatro escolas desenvolvem seu cotidiano de gestão educacional tendo a violência urbana associada à rotina escolar.

Os protagonistas dessa publicação não são personagens de ficção – em que pese a funcionalização de suas identidades para preservar-lhes, tanto quanto possível, a segurança –, mas sim pessoas reais que lidam, cotidianamente, com situações reais, por mais absurdas que possam parecer, que se superam em suas emoções para gerir, a cada instante de sua atuação, uma educação melhor.

Outros números virão com outras temáticas sobre a educação em áreas de violência urbana.

AS ESCOLAS NOSSAS DE CADA DIA



Livros, Deborah Trindade, 2018.

Diferentes escolas, diferentes entornos, diferentes ocasiões, diferentes gestores, diferentes alunos, diferentes donos e, quem sabe, diferentes governos. Logo diferentes estratégias e diferentes ações táticas, mesmo que, em todos os diferentes cotidianos, haja muitas semelhanças e recorrentes jogos de poder.

Unidas tanto pelas semelhanças como pelas diferenças, as escolas de nossas comunidades precisam não apenas de novos governos e novos governantes, mas de um novo país, onde a vida possa ser celebrada infinitamente acima da morte pelas violências já tão banais.

Temos muito o que pensar e conversar, temos que rever nossas escolhas, pois a violência é o poder que temos conseguido eleger e a que estamos subjugados cotidianamente. A ausência do Estado é uma violência em si mesma, a violência é o poder Estado, o próprio Estado.

As escolas nossas de cada dia lutam pela sobrevivência com a certeza de que uma educação de mais qualidade está mais dependendo de ações políticas e sociais do que as ações pedagógicas.

EXPEDIENTE

Almazine semestral da Comunidade Solidária de Professores do Alemão (COSOPAL)
Ano 1 – Número 1 – abr de 2019
editor responsável: Camila de Oliveira — ilustradores: Amélia Goulart, André Brown e Deborah Trindade
(Grupo de pesquisa Linguagens desenhadas e educação)

2014 – 2018 O QUE MUDOU, O QUE PERMANECEU?



Corredor, por Deborah Trindade, 2018.

Em redes sociais, pais de crianças que moram na região mostram preocupação com o que acontece:

“Eu estou preocupada com as crianças da creche”.

“Meu filho está na escola do Brizolão. Estou preocupado”.

“Gente, por favor, alguém sabe me dizer se já tá calmo? Meu filho estuda na escola Mourão eu tô aflita aqui em casa”.

Segundo a Polícia Militar, o tiroteio no Complexo do Alemão começou após bandidos atirarem contra agentes que estavam em patrulhamento pela localidade de Nova Brasília. Os PMs revidaram. De acordo com a corporação, não houve relatos de feridos, prisões ou apreensões.

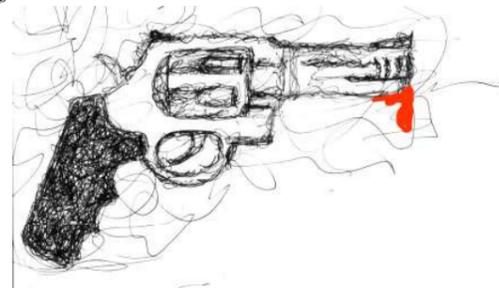
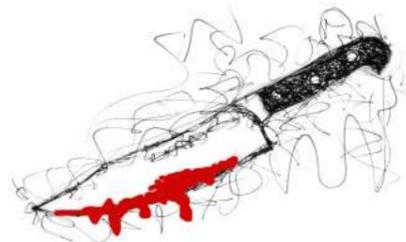
Quando ocorrem tiroteios durante as aulas, é comum que os alunos sejam encaminhados pelos professores para os corredores, onde ficam todos sentados, expectantes. Alguns entram em pânico, ficam descontrolados, precisam da ajuda de colegas ou mestres para se acalmar.

Há também quem sugira preces coletivas, na intenção de que aquela situação acabe logo ou para tentar atenuar a tensão no ambiente. Testemunhos indicam que não é raro ouvir perguntas como:

“De onde vem o tiro?! Nós vamos morrer hoje?!”

INSTRUMENTOS DE ESCRITA NO ALEMÃO E OUTROS ESPAÇOS

por Deborah Trindade, 2018.



Fotografia copiada do site Uol Notícias, da matéria: RJ: Alunos de escola no Alemão se escondem no corredor para fugir de tiros, publicada em 17/04/2014.

São perguntas sem resposta, muitas vezes. Como se não bastasse todo o temor, nesses momentos, os educadores – como capitães de navios que enfrentam tempestades ou pilotos de aviões em pane – precisam ter o máximo de equilíbrio para tentar tranquilizar e proteger seus alunos.

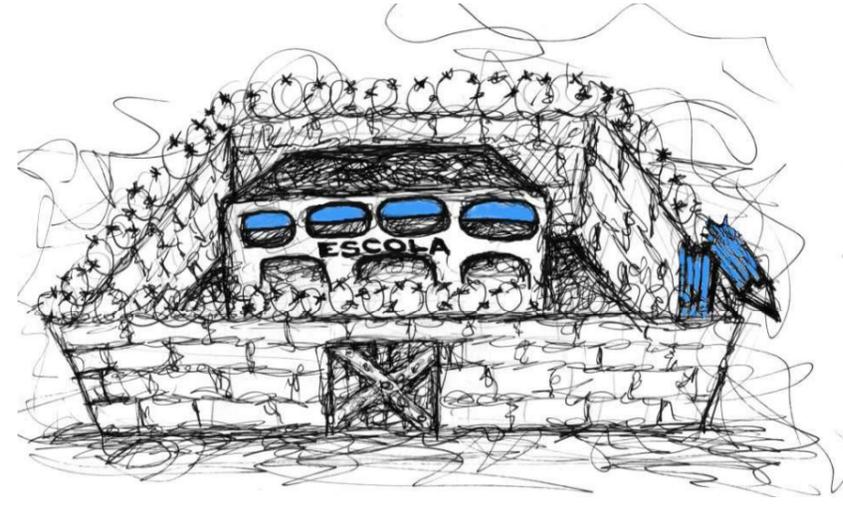
O cotidiano da violência já faz parte da rotina de vivências desses alunos que sobrevivem no meio da guerra entre traficantes e policiais.



Aulas e balas, por Deborah Trindade, 2018.

A “troca de tiros” que ocorrem nos horários da manhã e tarde provocam, muitas vezes, a suspensão das aulas, fazendo com que os alunos sejam prejudicados em sua aprendizagem. Afeta diretamente o emocional de todos: alunos, professores, funcionários, pois todos ficam muito abalados e com grande dificuldade de voltar à rotina.

NAS TRINCHEIRAS DO DIA-A-DIA...



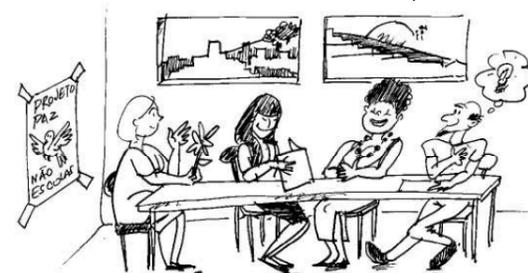
A escola sitiada, por Deborah Trindade, 2018.

“A favela é um território onde a incompletude de políticas e de ações do Estado se fazem historicamente recorrentes, a favela significa uma morada urbana que resume as condições desiguais da urbanização brasileira e, ao mesmo tempo, a luta de cidadãos pelo legítimo direito de habitar a cidade. A favela se apresenta com a riqueza da sua pluralidade de convivências de sujeitos sociais em suas diferenças culturais, simbólicas e humanas”, define o estudioso Silva.



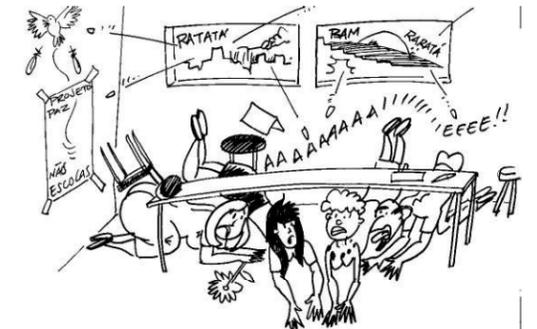
Fotografia copiada do site Taringa, da reportagem el ejército de Brasil patrullará las favelas 8 meses mas, publicado em 23/11/2011.

A diretora Tania, da Escola Generosidade, nos diz que, “quando é uma operação, a favela já acorda sitiada, vamos colocar assim com o CORE, caveirão, com todo aparato militar. Nesses dias a gente não consegue nem entrar na comunidade, nem entrar para a escola”. “As páginas do facebook e os grupos de whatsapp são instrumentos fundamentais de comunicação”.



Reunião, por André Brown, 2018.

“No ano de 2016 teve um dia, que foi um dos dias que deu muito tiro mesmo, foi a tarde. Eu me lembro que nesse dia os professores se jogaram de baixo da mesa e da cadeira na sala dos professores porque foi uma situação muito tensa. Hoje como diretora é muito diferente porque de certa forma, a minha responsabilidade é maior. Eu sou a responsável pela unidade, pelos alunos e também pelos funcionários”.



Reunião 2, por André Brown, 2018.

Na maioria dessas ocasiões não temos registros de pessoas baleadas, isso não significa que as situações se encerram ali. As marcas da violência deixadas pelos furros das balas nos muros e paredes das escolas não se limitam ao concreto das instituições. São lembranças que ficam impressas no inconsciente, à flor da pele, capazes de gerar cicatrizes duradouras na mente e no estado emocional dos estudantes e, também, dos professores.



A escola é uma trincheira cercada de guerra por todos os lados.

ONDE ESTÁ O PODER PÚBLICO?

Casos como os de balas “achadas” nos alunos, nas pessoas de suas famílias ou em seus amigos da vizinhança, além de trazerem uma preocupação contínua relativa à segurança dos profissionais, também chamam a atenção para uma realidade desconfortável, perturbadora: o quanto as pessoas que moram em comunidades pobres ou miseráveis, do Rio de Janeiro e do Brasil, estão descuidadas por seus governos, sem poder contar com o mínimo que seria necessário para viver com dignidade no lugar onde residem, junto com suas famílias e seus vizinhos.



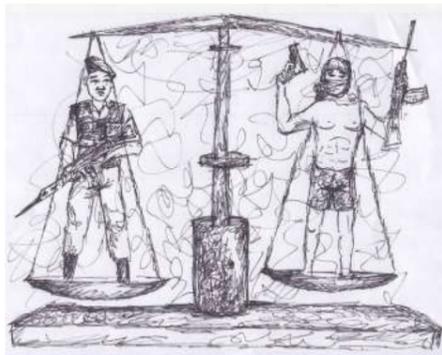
Estudo forçado, por Deborah Trindade, 2018.

Diante deste cenário, é fundamental refletir como a atuação do gestor pode efetivamente contribuir para dirimir os impactos da violência urbana no interior do espaço escolar, por meio da gestão democrático-participativa. Como as pessoas lidam com as regras e diretrizes provenientes dos poderes estabelecidos e como lidam, em seu cotidiano, com uma realidade socioeducativa e cultural complexa e desafiadora como a das áreas de risco da cidade do Rio de Janeiro?



Arquivo da autora.

HUMORAR É PRECISO!!!



A justiça no Alemão, por Deborah Trindade, 2018.

Em situações em que a comunidade escolar está exposta ao risco, os gestores têm autonomia para fechar as unidades escolares nos dias de tiroteio nas comunidades e suas cercanias. Esta ação tem amparo legal pela Resolução SME nº 3.223, de 20 de outubro de 2017.

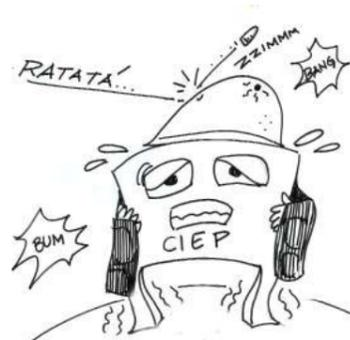


Festa junina, por Deborah Trindade, 2018.

Trabalhar em área de risco é um desafio a cada dia. Muitas vezes o que estava planejado para o dia vai de ralo abaixo por motivo de violência como, por exemplo, um passeio escolar, a festa junina, a festa de dia das crianças, feiras culturais, etc. Quem está sempre perdendo é o nosso aluno e a frustração de um trabalho incompleto. Só quem vivencia sabe a dor de cada lágrima rolando no rosto das crianças quando não podem participar de alguma atividade.



Excursão, por Deborah Trindade, 2018.



Dia de operação, por André Brown, 2018.

A UPP TROUXE A SEGURANÇA DA ESCOLA?

A política de ocupação das áreas de risco para “pacificar” essas áreas ainda é incipiente, diz uma gestora escolar:

Não! Não! Porque é muito perto da escola. No início, eu acho que trouxe, pelo tempo que estou aqui. No início ficamos numa situação muito ruim na verdade, porque a UPP ficava aqui na frente, era como se a gente tivesse que se posicionar e a gente não pode se posicionar. Depois a gente ficou se sentindo inseguro por ter que se posicionar. Agora a resposta é não, porque tem um “pessoal” aí atrás, tem um pessoal aqui na frente, que é a UPP, a gente fica bem inseguro.

Para a gestora Adriana, a chegada da UPP não mudou nada, ela explica:

A UPP chegou, mas com ela não chegou mais nada. Aliás, o que chegou junto com a UPP foi a venda de TVs a cabo. Ou seja, foi a implementação do maior número de antenas, receptores, de canais via satélite. Fora isso, não chegou nada, não chegou saneamento básico, não chegou infra estrutura nas escolas, as escolas não melhoraram suas infraestruturas.

Telma já apresenta uma visão diferente das gestoras acima:

No início sim, agora não mais. Apesar de, no momento, não estar tendo conflitos. Mas as coisas já voltaram, os alunos vivem uma situação de guerra mesmo. Não tem tiroteio, mas eles convivem com armas, com drogas, eles passam e vê isso, eles reproduzem na escola muita coisa.

Concordando com Telma, Leila acrescenta:

Em algum momento sim. Mas eu acho que, infelizmente, não da forma que deveria. Não conseguiu



O vizinho, por Deborah Trindade, 2018.

enxergar que a presença da UPP ela vem trazer uma melhoria crescente e permanente, não, isso não. O processo de pacificação foi construído a partir, de forma unilateral. Eu não consigo enxergar isso como uma participação comunitária. Mas ela foi uma construção unilateral. Por isso mesmo talvez não tenha dado certo. Mas impactou positivamente a escola porque, de alguma forma, eu acho que houve a maior garantia de que a criança pudesse estar na escola mais vezes, não se teve tanto a descontinuidade das aulas. Nesse ponto foi vantajoso.

É importante ressaltar que as escolas dessas gestoras ficam situadas em diferentes áreas dos complexos, o que traz diferentes maneiras de viver a presença das UPPs em seus cotidianos.

Mas, em que pesem essas diferenças entre as escolas, praticamente todas compreendem que a política de implantação de UPPs não teve o resultado esperado para a solução da violência em seus entornos e nem tiveram impacto significativo, a longo prazo, para seus processos educativos, pois, como acentuam, essa política veio sozinha, sem os projetos sociais que poderiam modificar esses locais de violência.

QUADRINHOS CONTAM HISTÓRIAS

por Rose Araujo



Desde a primeira vez que estive numa escola como aluna, até os dias de hoje, muitas coisas mudaram. Além de cartunista, tornei-me também professora, talvez embalada por minhas doces recordações do tempo de estudante. Essas lembranças ainda estão presentes em minha memória, mas o confronto com a atual realidade de uma sala de aula só confirma que os tempos são outros.

VIOLÊNCIAS E COTIDIANO ESCOLAR: O QUE ESPERAR DA GESTÃO EM ÁREAS DE RISCO?

O Educação Brasileira no Alemão, na busca de compreender os processos educativos em áreas de violência urbana, foi conversar com diversas gestoras de escolas do ensino fundamental e trouxe alguns pontos reveladores tanto dos sonhos e ideais de gestoras e gestores quanto das enormes dificuldades por que passam para que o processo educativo efetivamente aconteça.

Uma revelação surpreendente é que todos têm uma opinião otimista sobre a gestão escolar:

Quando você dirige, diretor, você fica mais fragmentado e o gestor consegue aglomerar todas as funções, além do administrativo, pedagógico, os recursos humanos, a parte psicológica de todo seu grupo de escola. (gestora da Escola Alegria)

Já Adélia, gestora da Fraternidade, diz que

ser diretora é um grande desafio. Mas o elemento motivador de ser diretora é a possibilidade de transformação. Eu acho que na direção eu tenho a possibilidade maior de conseguir colocar em prática aquilo que eu entendo como uma proposta de educação.

Uma visão quase que missionária leva essas mulheres – o número de homens é bem menor. Entre tiroteios e correrias, acham que ser diretora

é você sempre querer buscar mais e mais melhorias, acreditar no seu trabalho, acreditar ainda na educação, né. Porque, querendo ou não, ser diretor hoje em dia, financeiramente não é favorável, não tem nada que te mova diretamente, é mesmo você querer mostrar, ou fazer alguma coisa para que aquilo ali se desenvolva, para que aquilo ali, plantar a sementinha, entendeu? (gestora da Escola Alegria).

O gestor da Fraternidade se coloca também na linha de “fazer o bem”, mas dá centralidade à escola através da crença de que é preciso fazer um bom trabalho:

Primeiro que a gente não estava satisfeito com a escola da maneira que estava sendo guiada, dentro daquilo que acredito como educação. Então, a escola não era da forma que eu acreditava. E hoje, como diretor, eu consigo implementar aquilo que eu acredito como escola.

Na Generosidade, o tom é uma mistura de utopia com a valorização do trabalho de equipe, elemento que, de certa forma, todas as gestoras enfatizaram. E todas são enfáticas em, também, mostrar que o cotidiano escolar e seus entornos são de extrema insegurança e requer muitos conhecimentos que, como diz o poeta, não se aprende na escola.

Muita coisa eu não aprendi na faculdade: peitar policial, peitar bandidos, ser responsável pela vida de todo mundo e tomar a decisão certa naquele momento, que tá o tiroteio. O que eu faço com aquelas crianças? (gestora da Escola Generosidade)

A noção de gestão democrática é, praticamente, uma unanimidade no que se refere à descentralização do trabalho. Quando falam de gestão democrática, revelam um pouco de sua postura política:

Até porque eu acho que, quando a gente fala de gestão democrática, a gente fala que a gente tem dificuldade na escola, mas a gente tem dificuldade de democracia na nossa vida e, inclusive, no nosso país. (gestora da Escola Fraternidade)

Mas é a violência que habita nas escolas e seus entornos que realmente assusta a esses gestores no trato da coisa cotidiana, até porque, muitas vezes, essa violência ameaça os próprios gestores.

Não nessa unidade, mas em outra unidade de que eu fui gestora eu sofri sim. Como tinham alunos maiores, que eu ia morrer, se eu não tinha medo de morrer, se diretora não tinha medo de morrer. Na outra escola sim, já sofri esse tipo de violência. (gestora da Escola Alegria)

Física não, visual talvez, porque, às vezes, de carro, a gente está passando, a gente vê um cara de fuzil, outro na moto, eles olham, te intimidam com o olhar, mas nunca me falaram nada, nunca mexeram comigo, nunca fizeram nada. (gestora da Escola Generosidade)

Olha, infelizmente já sofri sim. Nunca de chegar ao finalmente, de agressão física, mas já sofri agressão verbal, tanto de alu nos que, descompensados, teve um deles que se referiu me mandando ir tomar naquele lugar, e, graças a Deus, eu consegui contornar, com a família, e aplicamos o regimento. Foi bastante chocante, porque uma criança que tinha segurança no que falava, sabia o quanto estaria ofendendo a direção da escola. Um caso também de uma aluna que, por duas vezes,

a mesma mãe. Uma vez ela chegou completamente alcoolizada e eu precisei segurar para que ela não agredisse a filha. Uma segunda vez ela tentou me atacar, cuspiu em mim, bateu no meu carro fortemente, me agrediu muito fortemente com palavras, inclusive eu precisei fazer o registro na DP, departamento de polícia. Eu creio que ela só não pegou fisicamente em mim, com os tapas que ela deu no meu carro, por proteção divina, foi muito humilhante, foi muito triste, foi lamentável mesmo. (gestora da Escola Esperança)

Os tiroteios, as operações, as táticas de guerra para fugir das balas perdidas, e, principalmente, os vários períodos sem aulas fazem parte do cotidiano da gestão – democrática ou não – das escolas dessas áreas de risco. A tensão é constante:

Atualmente, como a gente não está tendo tiroteio, a comunidade está muito tranquila. Mas isso aqui é um barril de pólvora, que a gente não sabe quando vai estourar isso. (gestor da Escola Fraternidade)

Paz ameaçadora, um barril de pólvora sempre. Está todo mundo em paz, mas est todo mundo, “está muita paz para ser verdade”. Então, estou há 30 anos aqui, então a gente fica meio desconfiado, tá muita paz, daqui a pouco vai acontecer alguma coisa. A gente meio que trabalha assim. Sempre com atenção a qualquer barulho de fogo, a qualquer coisa, tem que procurar saber o que é. (gestora da Escola Generosidade)

Uma fala também recorrente na conversa com as gestoras e os gestores dessas escolas se refere à participação precária do poder público nesses espaços de violência.

Quando a gente precisa de alguma coisa, a gente busca na comunidade, é importante. Apesar de o poder público falhar nessa hora, porque todos nós sabemos que isso é dever do poder público. (gestora da Escola Fraternidade)

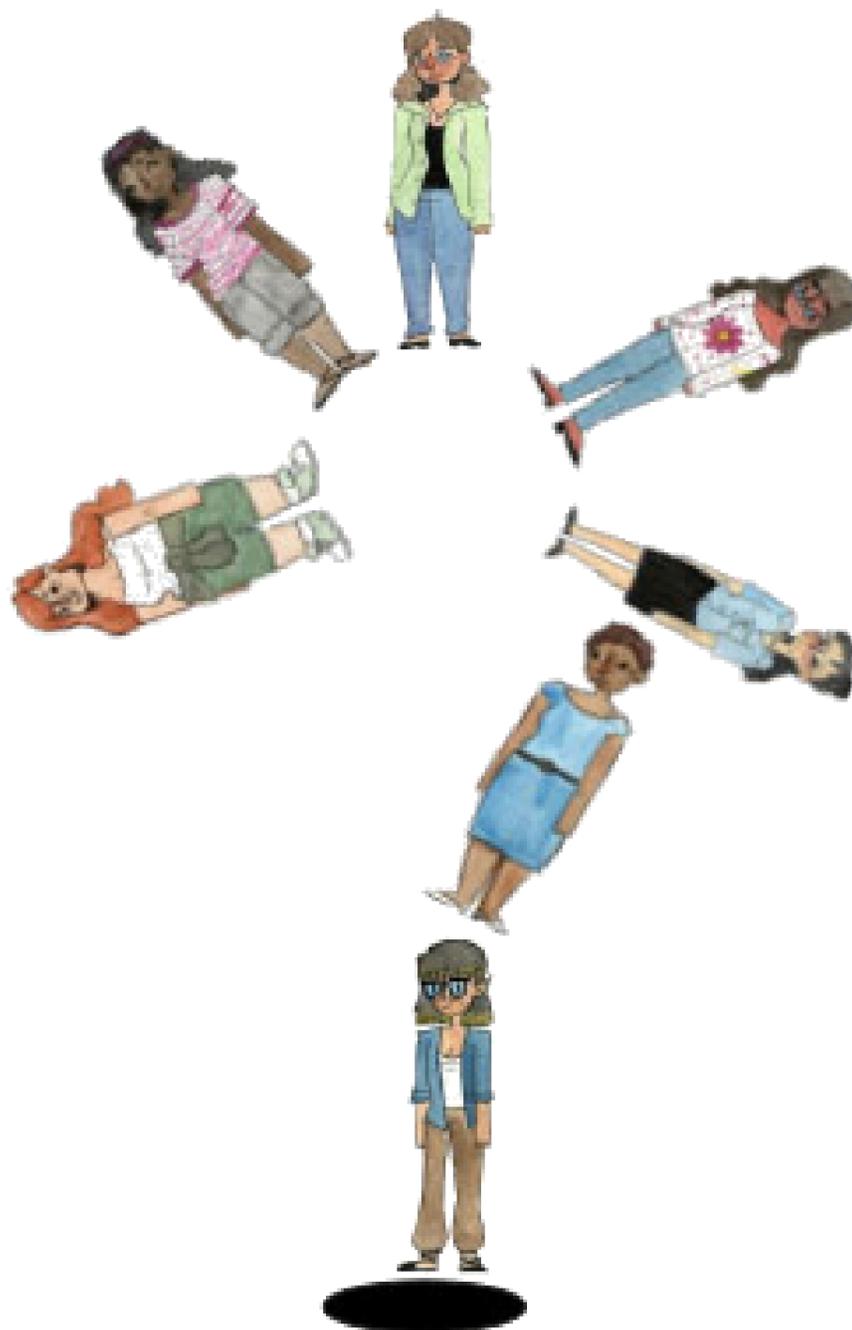
O foco, nesse número 1, é a área dos complexos do Alemão e da Penha, mas a abrangência dessa temática é bem mais ampla, como mostra a gestora da Escola Esperança:

Dentro dessa coordenadoria onde eu trabalhei, tem a Maré, que é um lugar muito complicado, tem a Cidade Alta, que é outro lugar complicado, tem Vigário Geral, que é um lugar muito complicado, assim como o Complexo do Alemão, e Manguinhos também. Então a gente trabalhava com muitas situações de conflitos, em vários lugares diferentes.

Essa é nossa luta cotidiana!



Agressão, por Deborah Trindade, 2018.



As gestoras, por Amélia Sgarbi, 2018.



Policial, por André Brown, 2018.